

## O discurso *hater* contra Greta Thunberg no Twitter<sup>47</sup>

### The hater discourse against Greta Thunberg on Twitter

Daniel Rossmann JACOBSEN<sup>48</sup>

Ruth REIS<sup>49</sup>

#### RESUMO

Com o objetivo de compreender o discurso de ódio nas publicações sobre Greta Thunberg no Twitter, reunimos um *corpus* de mais de 210 mil tuítes, que posteriormente trabalhamos através de uma abordagem qualiquantitativa. Para tanto, realizamos análises estatísticas para o dimensionamento do *corpus* e identificação das publicações de maior destaque e, a partir disso, pensamos esses textos com base no referencial da Análise de Discurso. Apresentamos brevemente o conceito de discurso, para então apresentar as características do discurso de ódio e como ele é aplicado nas redes sociais no que se chama de discurso *hater*. Confirmando nossas hipóteses, percebemos que a onda de discurso de ódio contra a ativista está presente na rede social analisada, muito embora conteúdos favoráveis também mobilizem grande engajamento, revelando disputas discursivas de largo alcance.

#### PALAVRAS-CHAVE

Análise de Discurso; discurso *hater*; Greta Thunberg; Twitter.

#### ABSTRACT

In order to understand the hate discourse in the publications about Greta Thunberg on Twitter, we gathered a corpus of more than 210 thousand tweets, which we later worked through a qualitative and quantitative approach. For this, we carry out statistical analyzes for the dimensioning of the corpus and identification of the most prominent publications and, based on that, we think these texts based on the Discourse Analysis. We briefly present the concept of discourse, and then present the characteristics of hate discourse and how it is applied on social networks in what is called hater discourse. Confirming our hypotheses, we realize that the wave of hate speech against the activist is present in the analyzed social media, although favorable content also mobilizes great engagement, revealing wide-ranging discursive disputes.

#### KEYWORDS

Discourse analysis; hate discourse; Greta Thunberg; Twitter.

<sup>47</sup> Este artigo é resultado do período como bolsista de Iniciação Científica no Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/CNPq/Ufes) durante a graduação.

<sup>48</sup> Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Graduando em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda e mestrando em Comunicação e Territorialidades pela mesma Universidade. E-mail: [danieljacobsen.ufes@gmail.com](mailto:danieljacobsen.ufes@gmail.com).

<sup>49</sup> Orientadora do trabalho. Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/CNPq/Ufes). E-mail: [ruthdosreis@gmail.com](mailto:ruthdosreis@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Os acontecimentos sociopolíticos da segunda metade de 2019, que colocaram em evidência a pauta pró-ambientalista e antiaquecimento global, fizeram emergir a figura da ativista sueca Greta Thunberg, que, aliando sua juventude à dureza de seus discursos, centralizou os holofotes da mídia internacional e se transformou não só em símbolo da defesa ambiental, mas em sua principal referência. Na época com 16 anos, e liderando o movimento mundial *Fridays for Future*, Greta foi convidada para discursar em importantes universidades e eventos científico-políticos, marcando presença, inclusive, na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, de 2019 (COP 25). O reconhecimento de seu ativismo lhe rendeu uma indicação ao Prêmio Nobel da Paz e a escolha, por parte da revista Time (EUA), como pessoa mais relevante do ano<sup>50</sup>.

Observou-se, contudo, que o protagonismo da ativista acendeu disputas discursivas vigorosas não apenas em torno da questão ambiental, mas sobretudo sobre sua própria figura. Questionando e sendo questionada por personalidades como o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, Thunberg se viu em meio a uma crescente onda de críticas e discursos de ódio nas redes sociais. Para entender esse fenômeno e identificar práticas discursivas que dizem respeito tanto à polarização política, quanto ao recurso a estratégias que apelam para emoções como o ódio, realizamos uma pesquisa na rede social Twitter, cujo *corpus* levantado é composto de 210.945 postagens, entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020.

Segundo Orlandi (2009, p. 21), o discurso “[...] é feito de sentido entre locutores”, portanto, não é meramente a transmissão de informação, uma vez que existe um complexo processo no funcionamento da linguagem, que envolve, principalmente, o sujeito, a história e a ideologia. A Análise de Discurso (AD) concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social, o que torna possível a transformação de ambos e que o discurso é a materialidade em que se pode observar a ideologia e em que é possível compreender como a língua produz sentido por/para os sujeitos.

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/11/revista-time-escolhe-greta-thunberg-como-pessoa-do-ano.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2022.

A questão colocada pela Análise do Discurso, segundo a Orlandi, diz respeito a compreender como o texto significa e não propriamente o que os textos querem dizer. Para respondê-la, a AD trabalha produzindo conhecimento a partir do próprio texto, concebendo-o em sua discursividade. Dessa forma, nos estudos de discurso não se separam forma e conteúdo e procura-se entender a língua não somente como uma estrutura, algo já predefinido e cristalizado, mas principalmente como acontecimento, um processo que se atualiza a cada momento (PÊCHEUX, 2006). Orlandi aponta que, para a AD, “a língua tem sua ordem própria mas é só relativamente autônoma, [...] a história tem seu real afetado pelo simbólico [...] e o sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo real da língua e da história [...]” (ORLANDI, 2009, p. 19-20).

Sendo produto da sociabilidade dos sujeitos, o discurso pode se manifestar de diferentes formas. Não se trata aqui, ainda, das ferramentas de transmissão do discurso – fala, texto impresso, texto em redes sociais –, mas sim dos efeitos de sentido de carga socioemocional do discurso. Um aspecto que interessa para a pesquisa em questão é o discurso de ódio, que, segundo Thweatt (2002), se caracteriza pela desvalorização extrema do outro e pela incapacidade de reconhecer nele virtudes, valores e razão. O “outro” diz respeito tanto a um nível individual, quanto a um nível coletivo, no qual grupos inteiros são discriminados devido a sua identidade étnica, religião, crenças políticas, gênero, sexualidade, entre outras motivações. Para Silveira (2007, p. 80), o discurso de ódio se refere a uma prática de desrespeito social, “uma vez que reduz o ser humano à condição de objeto”, podendo levar ao silenciamento

Judith Butler (2021) analisa o caráter performativo do discurso de ódio a partir das proposições de John Austin sobre os atos de fala, demonstrando a natureza ilocucionária e perlocucionária de certas enunciações. Ambas produzem efeitos sobre o outro: a primeira numa ordem mais ritualística a apoiada em convenções linguísticas e sociais produz efeitos ao ser dita, e a segunda desencadeia consequências temporalmente distintas da enunciação. Ambas atuam num movimento de interpelação e constituição do outro. No caso dos discursos de ódio, essa constituição promove um assujeitamento na forma de subalternidade.

Os limites entre discurso de ódio e liberdade de expressão, segundo Silveira (2007), podem ser aferidos com base no próprio princípio democrático de igualdade. Na democracia, a ideia de que todos os homens e mulheres são iguais em direitos fundamenta a oposição básica entre discurso de ódio e liberdade de expressão. Esta segunda, marco da vitória democrática sobre os

totalitarismos, se mostra então como um dos direitos fundamentais dos cidadãos. O discurso de ódio, por outro lado, “[...] destina-se exclusivamente a negar o princípio fundamental da igualdade entre as pessoas, propagando a inferioridade de alguns e legitimando a discriminação” (SARMENTO *apud* SILVEIRA, 2007, p. 48).

Apesar de já haver, no campo jurídico, uma série de decisões internacionais e nacionais que estabelecem limites entre liberdade de expressão e discurso de ódio, como demonstram Kersting e Gitirana (2020), no plano das relações sociais no cotidiano, essa operação é mais desafiadora, em decorrência da dificuldade de delinear com precisão o discurso de ódio, pois este pode se apresentar de inúmeras formas (SILVA *et al*, 2017), níveis de explicitação, diversidades de signos entre outros atributos da enunciação. Para além dos aspectos doutrinários, semânticos e formais, Butler nos propõe questionar o caráter totalizante do discurso de ódio e a suposição de que é sempre efetivo, abrindo assim uma senda para pensar nas respostas críticas que pode desencadear, na forma de um contrapoder no plano discursivo, fato que é possível de se verificar nas interações *online* como a que analisamos neste artigo.

Nos ambientes digitais, os praticantes de discurso de ódio, os *haters* (odiadores), encontram lugar propício à atuação. A presunção de que a Internet é “terra sem lei” reforça a propagação de discursos discriminatórios, antidemocráticos e antiéticos. O termo *hater* se popularizou na mídia abarcando usuários críticos em relação a alguma celebridade midiática, especialmente. Frisa-se, contudo, que o termo será aqui compreendido como denominação do sujeito da ação discursiva de propaganda do ódio.

os *haters* podem formar organizações com estratégias minuciosas com o principal objetivo de disseminar a sua ideologia de ódio contra alguém ou mesmo contra grupos específicos. [...] O seu discurso é repleto de violência explícita por meio das palavras que parecem gerar o efeito esperado justamente pelo seu excesso. (REBS, 2017, p. 2513).

Rebs trata o discurso de ódio nas mídias digitais como forma de violência ideológica, adotando as definições de Žižek (2014) sobre violência física e ideológica.

A [violência] ideológica é simbólica, ou seja, na maior parte das vezes ocorre por meio da linguagem [...] e nem sempre é clara, pois pode estar escondida pelo uso do humor. Estes tipos de violência, entretanto, são resultados do ódio e se

caracterizam por serem e estarem em excesso em seu discurso (REBS, 2017, p. 2514).

Tendo em vista o que foi discutido, considerando as redes sociais como espaços emergentes de manifestação de ódio, realizou-se uma coleta de dados no Twitter a fim de compreender como o ódio foi manifestado pelos *haters* contra a ativista sueca Greta Thunberg e também identificar a construção discursiva dos apoiadores dela.

## **METODOLOGIA**

O processo de pesquisa envolveu a coleta e tratamento de dados no Twitter e a organização deles em gráficos que oferecem caminhos para uma análise qualitativa. Esta será feita mediante os princípios teóricos da Análise do Discurso, buscando identificar efeitos de sentidos que são produzidos pelos falantes nas mídias sociais. Optamos por organizar os dados a partir da referência de engajamento, que entendemos como sinônimo de participação na rede, consonante com a definição apontada por Grohmann (2018, p. 5): “engajamento, nesse cenário, é sinônimo de envolvimento e conexão, mas não somente com as mídias, mas com possibilidades de ações que extrapolam esta esfera, com possibilidades de perspectivas críticas”. Dessa forma, considerando pertinente uma abordagem qualiquantitativa, tomamos como primeiro indício as métricas quantitativas extraídas do *corpus*, que nos apontam os objetos mais relevantes para estudo qualitativo. A partir daí, nos ancoramos no referencial da AD para perceber a dimensão crítica dos *posts* selecionados.

Através de *scraping*<sup>51</sup> na rede social Twitter, foi realizada uma coleta de dados, entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, período que engloba os eventos que alçaram Greta Thunberg ao reconhecimento internacional, como a indicação ao Prêmio Nobel da Paz e o título de pessoa do ano da revista Time, bem como aos ataques de líderes globais à ativista. Foram coletados 210.945 tuítes referentes ao termo “Greta”. Em seguida, o arquivo foi revisado a fim de se excluir tuítes relacionados a homônimas, restando 201.020 postagens. Nesta pesquisa, usamos o Tableau

---

<sup>51</sup> Raspagem de dados na web. O *script* foi desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Discurso (Grudi/CNPq/Ufes). Os autores agradecem as contribuições de Igor Zandonadi Coser e Túlio Brunoro, bolsistas de pesquisa do grupo, nesse processo de programação e coleta.

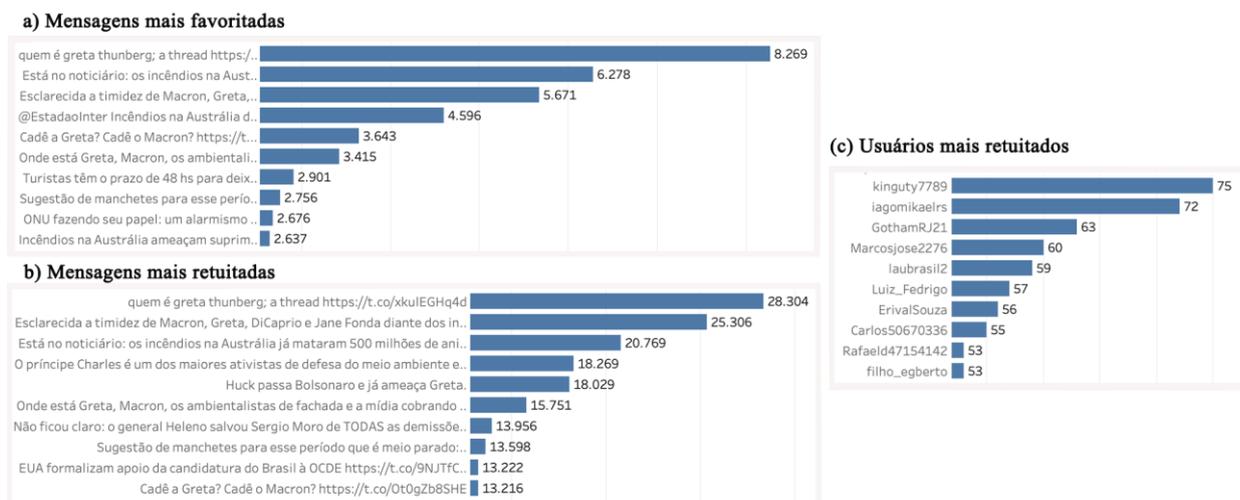
Public para gerar gráficos interativos que relacionam diferentes tipos de informação coletada, permitindo iniciar os procedimentos de análise.

A leitura do discurso realizada nos tuítes apontados como mais relevantes, tendo como base o disposto por Orlandi (2009), considera essencial essa primeira etapa de refinamento do *corpus*. Segundo a autora, “A construção do corpus e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas” (ORLANDI, 2009, p. 63). Esse *corpus* de textos ainda não exhibe os objetos discursivos que se visa analisar, uma vez que os sentidos do discurso não são dados, mas construídos. Orlandi compreende o texto como superfície linguística bruta que se apresenta ao analista para que ele, a partir dos procedimentos adequados, converta o texto em objeto discursivo. O primeiro desses procedimentos é a dessuperficialização, na qual se observa a materialidade linguística: “o como se diz, o quem diz, em que circunstâncias etc. Isto é, naquilo que se mostra em sua sintaxe e enquanto processo de enunciação (em que o sujeito se marca no que diz)” (ORLANDI, 2009, p. 65). Em seguida, a análise tem continuidade com a observação, das estruturas, do modo de construção e de circulação e dos gestos de leitura que constituem os sentidos. O analista então, tendo em vista a historicidade linguística e política sobre a qual o discurso se firma, é capaz de compreender o processo discursivo e observar “[...] os efeitos da língua na ideologia e a materialização desta na língua” (ORLANDI, 2009, p. 68).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A fim de mapear quantitativamente o *corpus* e abrir caminho para a observação qualitativa, geramos algumas visualizações que demonstram o universo do banco de dados, com os tuítes mais populares e os principais atores da rede, como se vê na Figura 1. Para dar mais indicações do teor do debate na rede apresentamos 10 tuítes em cada gráfico, no entanto nos deteremos nos três primeiros para uma análise mais aprofundada. Para melhor leitura reproduzimos os tuítes na tabela 1.

Figura 1. Colagem com recortes das visualizações: (a) Tuítes mais favoritos<sup>52</sup>; (b) Tuítes mais retuitados<sup>53</sup>; (c) Usuários mais retuitados.<sup>54</sup>



Fonte: Os autores.

Tabela 1: 10 tuítes mais retuitados.

quem é greta thunberg; a thread https://t.co/xkulEGHq4d
Está no noticiário: os incêndios na Austrália já mataram 500 milhões de animais até agora. Isso mesmo: meio bi. Mas lá pode. Se acontecesse coisa parecida no Brasil, não ia sobrar bicho vivo nem no zoológico. Imaginem o horror de Sua Santidade, de Greta e dos devotos de Greta.
Esclarecida a timidez de Macron, Greta, DiCaprio e Jane Fonda diante dos incêndios devastadores nas florestas australianas que mataram milhares de coalas: "Temos contrato de exclusividade com as girafas amazônicas", explicou o quarteto do apocalipse, calando os críticos.
@EstadaoInter Incêndios na Austrália devem matar 500 milhões de animais, preveem ecologistas https://t.co/VpYC8Nx3nj https://t.co/Wnui9CHmE2
Cadê a Greta? Cadê o Macron? https://t.co/Ot0gZb8SHE
Onde está Greta, Macron, os ambientalistas de fachada e a mídia cobrando e pressionando o fim dos incêndios na Austrália? As queimadas lá são naturais, assim como no Brasil. Mas as críticas ao nosso país foram muito mais incisivas, você não acha? https://t.co/nOqFDKa6Pc

<sup>52</sup> Trazemos aqui uma visão estática desses gráficos, mas lembramos que nossa pasta de trabalho no Tableau com as visualizações completas e interativas pode ser acessada no Tableau Public. Disponível em: <https://public.tableau.com/app/profile/daniel.rossmann.jacobsen/viz/ICVisualizaes/Tutesmaisfavoritadas>. Acesso em: 18 ago. 2022.

<sup>53</sup> Disponível em: <https://public.tableau.com/app/profile/daniel.rossmann.jacobsen/viz/ICVisualizaes/Tutesmaisretuitados>. Acesso em: 18 ago. 2022.

<sup>54</sup> Disponível em: <https://public.tableau.com/app/profile/daniel.rossmann.jacobsen/viz/ICVisualizaes/Usuriosmaisretuitados>. Acesso em: 18 ago. 2022.

Turistas têm o prazo de 48 hs para deixarem a costa oeste da Austrália. O motivo? Incêndios destroem o país. Macron, Greta, Papa Francisco? Nenhuma palavra. Eles nunca protestaram em defesa do meio ambiente. Só querem as riquezas da Amazônia. Bolsonaro tem razão.

Sugestão de manchetes para esse período que é meio parado: - Governo é suspeito do assassinato de perus - Matança de perus teria mesmo mandante das girafas- Bolsonaro vai demitir Moro, Mourão e Mourinho- Greta diz que tá tudo ruim- Lula é favorito para Papai Noel da Odebrecht

ONU fazendo seu papel: um alarmismo pueril que poderia ter sido escrito pela Greta, cheio de adjetivos sonoros - naquele pacifismo de gabinete que não salva nem as moscas de Genebra. Eles são bons de fazer vista grossa para a Venezuela, divulgar atentado fake contra o Lula, etc.

Incêndios na Austrália ameaçam suprimento de água em Sydney <https://t.co/ZonROzLEoL>

Fonte: elaborado pelos (as) autores (as) com dados coletados do Twitter.

A partir dessa organização, passamos então para a exploração dos dados obtidos nessas primeiras visualizações. O período de coleta para essa pesquisa, cujos critérios foram informados na seção de metodologia, coincide com a repercussão de episódios emblemáticos ocorridos, como o fato de Greta Thunberg ser chamada de “pirralha”, no dia 10 de dezembro, pelo presidente Jair Bolsonaro e de ter sido eleita pessoa do ano pela revista Time, no dia 11 do mesmo mês de 2019. Considerando interação tanto o ato de favoritar como de retuitar essas publicações, observamos que o ápice de engajamento nos três tuítes se deu entre a última semana de dezembro de 2019 e a primeira de 2020, época em que a agenda midiática estava focada em temas relacionados a Greta Thunberg em consequência de sua indicação pela revista Time e seus conflitos com líderes globais. O alcance dos tuítes cai em seguida, tanto pela rapidez característica da própria plataforma, quanto pela mudança de agenda.

Identificamos no *corpus* três tuítes que são os mais favoritos e retuitados, apresentando-se como objetos mais populares da coleta realizada, os quais serão analisados qualitativamente para identificar neles as marcas e estratégias discursivas presentes. Embora esse *corpus* de análise seja consideravelmente pequeno em relação à complexidade do fenômeno, ele denota a intensidade da ação em rede, que tende a ser muito veloz, sempre elevando algumas mensagens à obtenção de maior atenção dos actantes, mesmo que por um período muito curto. O estudo dessas enunciações que ganham maior interesse na rede se torna relevante ao evidenciar esses momentos discursivos (MOIRAND, 2020) decisivos, característicos da circulação de discursos no Twitter, onde a atualidade e a velocidade são fundamentais. Além disso, “os ‘pequenos corpus’ permitem apreender a instabilidade de uma primeira designação [...], refletir sobre os conceitos e noções

envolvidas nessa análise, bem como sobre as relações entre a linguagem verbal e o mundo” (MOIRAND, 2020, p. 21).

O tuíte mais popular encontrado encabeça uma *thread*<sup>55</sup>, ou seja, um fio de discussão, uma sequência de *posts*. Assim, consideramos para fins quantitativos cada tuíte de um fio como um objeto, mas para fins qualitativos, se pretendemos compreender os sentidos envolvidos na construção textual da discussão, torna-se necessário tomar esse fio como uma manifestação textual composta.

Figura 2. (a) Tuíte mais favoritado e mais retuitado; (b) Segundo tuíte mais favoritado e terceiro mais retuitado; (c) Terceiro tuíte mais favoritado e segundo mais retuitado.



Fonte: Twitter. Acesso em: 21 jul. 2020.

Começando pelo tuíte mais popular e pelos seus subseqüentes no fio, pode-se perceber que se trata de uma defesa de Greta Thunberg (Figura 2a). Os atritos entre Greta Thunberg e os líderes globais e os eventos ambientais caóticos do fim de 2019 e início de 2020, que evocaram sua figura como ativista do meio ambiente – como os incêndios na Austrália e queimadas na Amazônia –, alçaram a adolescente sueca aos holofotes da mídia tradicional e aos debates das redes sociais. Tanto se falou em Greta Thunberg que a mencionada *thread* surgiu em sua defesa e é replicada como reação dos atores da rede, frente aos ataques sofridos por ela.

A usuária responsável pela publicação utiliza informações biográficas de Greta, fala de sua trajetória como ativista, suas realizações e informa também sobre seus atritos com políticos que questionam a validade de seu ativismo e seu lugar de atuação. Os tuítes apresentam fotos de

<sup>55</sup> As *threads* são ferramentas narrativas e discursivas de uso estratégico no Twitter, usadas para abordar tópicos com maior aprofundamento através de diferentes recursos linguísticos. Cada um dos *posts* que integra a *thread* é, por definição, um tuíte único.

Greta, sempre sorrindo ou com olhar sereno, discursando ou acompanhada de personalidades. Também ocorrem *screenshots* e um vídeo no qual a ativista discursa na Organização das Nações Unidas, em setembro de 2019. O conjunto de elementos percebidos, de acordo com o perfil observado da usuária, supõe uma marcação positiva em relação a Greta. Tal manifestação remete para a dimensão crítica apontada por Butler que se dá na forma de uma onda de contrapoder que se ergue em defesa de Greta, diante das tentativas de inferiorização que sofre. A observação dos gráficos gerados, aliada a consulta ao Twitter, possibilitou aferir que as publicações subsequentes à mais popular da amostra, obtiveram também grande repercussão.

No segundo tuíte (Figura 2b), observamos marcas do discurso *hater*. Há elementos de ironia, deboche e ódio, além de conter desinformação. Mesmo que ainda se coloque num plano de relativa polidez, o uso de metáforas desqualificadores expressam a intenção de injuriar Greta e seus apoiadores. Se compreendemos com base na fundamentação teórica estudada que o discurso de ódio se diferencia da expressão da liberdade de pensamento por contrariar outra liberdade constitucional, diga-se, de direito humano, então podemos afirmar que há traços de ódio no discurso do tuíte quando o usuário atenta contra a honra das personalidades citadas ao se referir a elas como “quarteto do apocalipse”, além de deslegitimar suas atuações em prol da preservação ambiental ao alegar que os citados – Greta, Macron, DiCaprio e Jane Fonda – silenciaram diante dos incêndios na Austrália, o que além de *hater*, é uma desinformação, pois Greta já vinha se pronunciando sobre o assunto desde novembro de 2019<sup>56</sup>. As marcas de ironia se manifestam na frase posta entre aspas (“Temos contrato de exclusividade com as girafas amazônicas”), que ainda pode confundir o leitor ao atribuir sentido de verdade à frase, dando a entender que é um pronunciamento do grupo de personalidades citadas.

O terceiro tuíte (Figura 2c) é mais discreto em suas críticas à ativista, recorrendo ao recurso da ironia. O usuário que tuíta faz uma provocação ao comparar as reações de ambientalistas à morte de animais em decorrência de incêndios na Austrália com seu discurso sobre a crise ambiental no Brasil, insinuando que esses militantes, “Sua Santidade, Greta e os devotos de Greta”, têm uma preocupação seletiva com o meio ambiente. O texto reflete a alegação de que órgãos e autoridades internacionais tentam interferir em assuntos internos do Brasil, não respeitando a soberania do país em cuidar de suas questões socioambientais e climáticas; discurso

---

<sup>56</sup> Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/greta-e-australia-veja-o-que-ativista-ambiental-ja-declarou-sobre-incendios-florestais/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

este endossado por parcelas conservadoras pouco preocupadas com a preservação ambiental. Dessa forma, o autor do tuíte traz a discussão para um nível individual, tratando o Brasil como alvo de uma campanha de interferência, e insinuando que nos outros países – cada um com as particularidades de suas questões ambientais – não ocorre qualquer tipo de sensibilização ou demanda frente às crises ecossistêmicas. Austrália, aqui, ganha o sentido de qualquer país rico e funciona como contraponto ao Brasil. O usuário é sutil ao fazer a crítica, mas seu texto travestido de informação traz algumas das mesmas marcas discursivas do segundo tuíte, como a desinformação sobre o silêncio de Greta e a ironia ao afirmar que os incêndios na Austrália não importam tanto para a ativista quando os no Brasil.

A fim de verificar quais atores da rede foram mais ativos no período da coleta dos dados, identificamos os perfis que atuaram como enunciadores discursivos, gerando gráficos para visualizar aqueles usuários que obtiveram mais retuítes, e os que contribuíram para promover a circulação desses discursos. A observação desses gráficos nos mostrou a popularidade de dois atores da rede que obtiveram destaque visível ao terem seus *posts* amplamente retuitados. Como este gráfico considera a totalidade dos *posts* coletados na amostra, torna-se necessário verificar quais tuítes são atribuídos a esses atores, a fim de compreender o que motiva o destaque percebido.

Através da consulta ao seu perfil no Twitter, pudemos verificar que o usuário @Gfiuza\_Oficial é um jornalista e escritor está na rede desde outubro de 2014 e possuía no momento dessa análise mais de 518 mil seguidores e realizava ao menos uma postagem ou retuíte por dia. Seu discurso é marcado por forte apelo ideológico alinhado à direita. O usuário @ibuckynat, segundo mais retuitado, é uma mulher jovem chamada Leticia, que está na rede social desde julho de 2018 e possui pouco mais de 4 mil seguidores. Seus *posts* versavam sobre seu cotidiano. É interessante observar que mesmo obtendo pouco destaque na rede, alguns *posts* específicos de @ibuckynat no período da coleta dos dados obtiveram grande interação, inclusive figurando como o tuíte com mais engajamento (“quem é greta thunberg; a thread”). Posteriormente a essa análise, o perfil da usuária foi suspenso, supostamente por violar as regras do Twitter, tendo reiniciado sua atuação na rede em agosto de 2020, sem o tuíte que aqui nós analisamos e sem as interações precedentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos marcas discursivas de ódio em grande destaque, que visam à invalidação do ativismo ambiental e de seus agentes, bem como de suas práticas e discursos. No caso específico de Greta Thunberg constatamos uma polarização significativa na rede, com disputas discursivas que mobilizam inúmeros perfis, uma vez que nos grandes destaques de popularidade do *corpus* encontramos tanto tuítes que classificamos como favoráveis como tuítes desfavoráveis, com marcas de desrespeito e deslegitimação. Essas disputas discursivas ocorrem com base em conflitos ideológicos e políticos, que deslizam da esfera do público para o privado, fazendo refletir nas pessoas o alvo dos discursos originalmente contrários ao seu ativismo. Assim, o ataque ao ambientalismo se funde ao ataque pessoal contra Greta Thunberg, imbricando o sujeito e seu discurso, com o objetivo de deslegitimar e silenciar a fala da jovem, muito embora esse imbricamento impulse também a visibilidade da ativista e de sua causa, pois estando pessoalmente relacionados, Greta se torna referência no assunto e se torna ainda mais mencionada em discursos com essa temática. Observamos, com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, que os tuítes representam e se ancoram em ideologias que refletem polarizações políticas e sócio-históricas.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Tradução de Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

SILVA, C. M. da, *et al.* Os limites entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio na mídia atual. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2017, Santa Maria. **Anais** [...]. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Direito, 2017. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

GROHMANN, Rafael. A Noção de Engajamento: sentidos e armadilhas para a pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/29387/17207>. Acesso em: 25 set. 2020.

KERSTING, M. F.; GITIRANA, J. H. S. Limites da liberdade de expressão e a caracterização do discurso de ódio. **Revista de Direito da FAE**, v. 2, n. 1, p. 233-260, 2020. Disponível em: <https://revistadedireito.fae.edu/direito/article/view/46>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MOIRAND, Sophie. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradução de Fernando Curtti Gibin e Julia Lourenço Costa. **Linguagem**, São Carlos, v. 36, p. 20-41,

2020. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/826/476>. Acesso em: 18 ago. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2006.

REBS, Rebeca Recuero. O excesso no discurso de ódio dos *haters*. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 14, número especial, p. 2512-2523, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14nespp2512>. Acesso em: 30 mar. 2020.

SILVEIRA, Renata Machado da. **Liberdade de expressão e discurso do ódio**. 130f. Dissertação (Mestrado em Direito Público) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

THWEATT, Elizabeth. Bibliography of Hate Studies Materials. **Journal of Hate Studies**, v. 1, n. 1, p. 167-239, 2002. Disponível em: <https://jhs.press.gonzaga.edu/articles/abstract/10.33972/jhs.6/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.